

*cortinas*



De 2 de agosto a 6 de setembro de 2018 realizou-se na biblioteca Monteiro Lobato em São Bernardo do Campo a oficina *O corpo neutro*. Nesta publicação escrevem Agnaldo de Oliveira, Amanda de Souza, Antonia Alves, Benilde Ivanechtchuck, Douglas Mita, Filipe Barrocas, Francine Moraes, Kelly Guimarães, Kimberly Nogueira, Jaqueline Carvalho, Paulo Neto, Reginaldo Junior, Renato Jacques, Rosângela de Carvalho, Samante Bernardi, Sarah Ivanechtchuck e Solange Felix.

Estamos na oficina *O corpo neutro* em São Bernardo do Campo.

A luz é amarela, o chão é frio, as pessoas muito amigáveis e queridas. Temos ainda por cima a Sarah, que é nossa mascote. Bem-vinda, Sarah, espero que você esteja gostando da experiência. Hoje eu li muita coisa sobre o que é uma experiência e o que mais me marcou foi que uma experiência não é algo que simplesmente se encerra, mas algo que se consuma. É difícil explicar, mas não tão difícil entender, assim como a liberdade.

Coisa quente afora, agora nada sempre, quase quero hoje, uma duas nada, agora eu que fiz, aqui estou quando penso, vem, sei, como posso ser, esse aqui, esse quando, no vento de hoje, vermelho, estado de isto comigo afora, na queda do tempo vermelho, como nunca faço isso, como hoje, pode ser que ainda agora esteja sempre como igual, assim comum, como agora misto, o que era não foi ainda, que eu hoje, sempre agora, para que quando, para, para, para-quedas nela, sempre que vem a forma, agora, ainda mista, quente, hoje vermelho, negro, claro, quando hoje que move, estrela, estado, bota, caco, pera, nervo, simples, como quando neste aqui, sempre, ainda que eu nunca faça, desfaça, que coisa, que coisa, que coisa alguma, sopra, bola, cola, neve, aquele cinza, minha, noutra, neutro, quero quando sempre ainda, faço, mala, bala, maçã, água, sopra, nuvem fria, vidro de verdade, queria ou não ou nada, como quando abro, caibo no guarda-roupa, no guardanapo da geladeira atrás da porta, do cadeado, da casa velha, vela que hoje nunca, não, água, pó, poeira, beira estrada que passa, eu não passo, volto, fico, água escorre, molha, vela, nela, quase sempre espera chuva de uma confusa madeira, matéria, primavera vertical, vertigem, inspira, aspirador de cor da cola, sola, sapato azul com meia e veia.

Cabelo de que pós-poder, o que sinto falir de mim, que companhia de quem, do eu, do eu sozinho, ou mesmo daquele ou de outro, ou trem, ou parado, e sentado e sentido, sentir e pensar caminhando ou parado, ou tocando, ou vindo e sentindo, chegando, grunhindo chapado e desnortado por aí, ou por aqui. O quarto o quanto pensamos escrevemos e o que se escreve no presente já é passado, o que se pensa para o futuro se tornou presente, para quem, por que, ora pois, aonde, em qualquer lugar de sua mente mentirosa, que gostosa, essa hora de mentir, de aparência, do fulgor,

do satã, da loucura do amor, do agressivo e do pacífico, do Atlântico, de cada continente, de cada globo, de cada galáxia, de cada universo, de cada aceleração e suas fórmulas, fórmulas matemáticas, formulas químicas, formas de automobilismo, de caminhadas, de avoadas, de revoadas, agora o porquê de tudo isso nem eu sei e se sei, saber, cansei, parei, esperei, tentei fluir, fugir, dormir, cansar, descansar, descalçar aonde, no calcanhar, na calçada, em uma sargeta, uma vala, um covil, outra cova, um lugar qualquer de um pensamento duplo, de dupla jornada, de duas mãos, de dois sentidos, de três vias na encruzilhada de vida de uma mente, de um espirro, essa hora tinha espirrado, de um jorro, de uma sujeira em uma sacada ou varanda qualquer.

O sono nos faz mergulhar em nós, de modo que não nos conseguimos dar conta do que ali se passa, ali onde? Há uma mente inconsciente?

Que parte é essa que se fragmenta e nos faz ver imagens, coisas confusas, embaralhadas? É pouco interessante contar um sonho porque geralmente são desconexos, com pouca coisa que pareça objetiva. No sono entramos em outra dimensão de nós, é como se estivéssemos pensando, nem tanto, é estranho. O cérebro nos prega peças. A imaginação é muito incrível. Se pensar que podemos a qualquer momento mudar nosso estado de espírito com um simples acesso aos arquivos da memória, como lembrar algo de que gostamos. A música tem grande poder e desperta tão distintas sensações. E pensar que vivemos tão despercebidos que sequer notamos o canto dos passarinhos pela manhã.

É a única regra. Não parar de escrever. Um dilúvio de palavras até ficar vazio dentro. Um homem-oco.

E agora escrevendo sinto o frio do chão de um dia frio de São Bernardo. O que o frio pode fazer à escrita? Algo de bom?

Adorei participar desta peça de teatro. Vou aprender cada dia mais outras coisas. E outras vezes que vier vou fazer exercício melhor para a minha saúde e para a saúde de todos. Vou continuar com toda a minha força. Aprender coisas novas para o bem de todos. Será que fiz alguma coisa que preste? Não, né, sei lá, veio na minha mente, sabe? Nada a ver, né?

Tudo a ver.

É o que você pensou.

Pois é, veio na minha mente.

Se a sua não tem nada a ver, imagine a minha.

Dei uns piros, né?

Meu nome é Bene Ivanechtchuck tenho setenta anos e moro em São Bernardo do Campo, tenho quatro filhos e cinco netos. Minha família é grande, uns moram no Pará, outros em Goiás, no Espírito Santo, em Minas Gerais, no Paraná e em São Paulo. Sou uma pessoa eclética. Atualmente estudo Libras, violino e flamenco. Pratico chi kung e aos domingos sou voluntária em artes na escola da família ministro da pauliceia, bem perto da minha casa. Neste instante estou aqui na biblioteca monteiro lobato, no centro de São Bernardo do Campo, juntamente com minha neta Sarah, filha da minha filha mais velha, Karen, fazendo uma oficina e isto que escrevo é uma tarefa dessa oficina. Sou grata e feliz pelas oportunidades que se achegam a mim. São Bernardo, dois de agosto de dois mil e dezoito.

Você ainda não tem cinco netos.

Olha.

Ainda não.

Mas já está a caminho.

Quatro, quatro ainda.

Mas ele está para colocar os olhinhos a qualquer instante.

Ele não vai nascer em setembro?

No comecinho de setembro.

Então ainda não tem cinco.

Ora, leia o seu, vá.

Cadeira, chapéu, lápis, tesoura, caneta, não, caneta, apontador, caderno, rosa, flor, cabelo, borracha, lapiseira, ponta, papel, caneta, canela, acento, pereira, sobrinho, tenente, regente, anzol, bolos, setembro, pai, mãe, filha, neta, avó, avô, lençol, pê, cama, baneta, banito, legume, doce, comida, papel, carnaval, vidro, copo, bagunça, Sarah, Samantha, boi, borralho, livro, fim.

Parece que você estava escrevendo poesia, história sua, com bagunça no meio. E dedurou a vovó. Por um mês e alguns dias.

Eu vou ler o meu. Eu voei até o barco, na lua do porto, em Porto Velho, capital de Rondônia, região norte de uma terra que um dia se chamou Brasil, mas cujo nome hoje ninguém sabe. E dizem que é estranho eu saber o nome de uma cidade que era capital de estado e de um país que não

existe mais, mas eu não ligo. Para eles eu respondo, sou estranho mesmo e não dou bola. Quando cheguei no porto antigo da antiga Porto Velho, que hoje é uma terra sem nome, eu encontrei um elefante. Conteí essa história para meu irmão e ele falou que eu devia jogar fora. Por quê? Por que jogar fora uma história que ainda nem começou? Me disse que em Porto Velho não tem elefante. Não tem mesmo, respondi, mas no futuro pode ter. E outra, o elefante não precisa ser o bicho que hoje vive na África. No futuro poderá viver em qualquer lugar porque não vai sobrar nada disto aqui. Nenhum ser humano para importunar. Elefante pode ser uma metáfora. A personificação da culpa por ter ido tão longe, ter voado até Porto Velho, esse mundo que não é mais mundo, ao chegar não sabia o que fazer. O que fazer em Rondônia? Nessa capital que não é mais cidade, nem selva, nem nada. Nesse lugar ponto no mapa. Um conjunto de coordenadas que nunca importaram para mim, para meu irmão, ou para você que lê este texto. Sim, você. Que existe porque eu não joguei isto fora.

Salão, balcão, energia, caderno, chão, sentimento, tato sujo, movimento, mão, papel, caneta, amarelo, cadarço, lápis, caneta, borracha, avião, borrada, meias, luz de led, salubre, palha, mente, feio, corte, arrepiado, preto, azul, verde, deitados, zoados, caderno, cachorro, cadela, estrela, Sol, Lua, Marte, Júpiter, Vênus, Marte, eclipse, cordado, fotossíntese, Marte, espírito, cabeça, viagem, loucura, tristeza, alegria, solidão, decepção, transforma, uma química, átomos, surpresa, pequeno, muda, transforma, aspecto, cabeça, ônibus, prédio frio, correia, deitada, pés, carro, avião, cá, tênis, pressão, não entendi, pular, brilha, gastar, rir, pedir, sentir, sorrir, entristecer, sabe, sonhar, desejar, correr sem saber, viagem, loucura, pulando sonho por sonho. Eu pegando momentos assim que chegavam à cabeça a todo momento.

Amor, paixão, ordem, liberdade, independência, sofrimento, lágrima, piedade, fúria, coração, piedade, solidão, compaixão, solidariedade, por que angustia? Saúde, tristeza, carinho, autoestima, beleza, caridade, família, ternura, fidelidade, escolha, decisão, por que essa ansiedade? Fortalecimento e ideia, criatividade, ciência, casamento, sociedade, sacio, qualidade, vaidade, curiosidade, perdão, culpa, por que compaixão? Por que fome? Luta, ideia, cabeça, sabedoria, ciência, igreja, amigos, dívida social, diferente, por que culpa? Na verdade, história, infância, sintoma,

criança, risada, saudade, amor, inteiro, preocupação, comigo nada muda, bebida, tristeza, destruição, álcool, angustia, morte, verdade, mãe querida, perto, quero perto solidão, frustração, saudade, acolhimento, cuidado, medo, companhia, tristeza, culpa, peso, coração, frieza, vazio, abandono, traição, medo, morte, qualidade, comigo, apego, bem-estar, tranquilidade, sabedoria, sabor, comida, curiosidade, fofoca, querer-se mais, inveja, humildade, dinheiro, coração bom, trapajo, irmãos, no meio desse mundo injusto que só quer apego para nada trazer de paz, onde se encontra o amor? Neste mundo de tanta gente sozinha? Por quê?

Tempo, trânsito, zunido, barulho, louco, loucura, insano, insensato, zum zum zum, tudo isso, nada disso, quem? Onde? Consigo, não, quero, claro e brilhante a vida se faz presente, ali, vou, no meio de tantas opiniões, razões, emoções, tic-tac tic-tac, sanções, construções e leões, a seguir assim, tempo, dias favoráveis, vou a fazer um escravo em mim, tanto faz, nada faz e se desfaz, só agora de novo, mais um pouco dessa sanidade, e se refaz o que se dá e se refaz de novo quantas vezes forem necessárias, além do corpo o ritmo se impondo, para que no dia certo tudo possa acontecer, loucura insana, insensato, esquecimento, o fato sem jogo, no lago, sempre, troca de palavras, de artigos, não consigo falar, molhado, velho descalçado em volta de mim, me vejo em prantos e descansos, talvez se faça de novo tudo sobre algo novo, tento ser e consigo fazer enquanto morro e então se desfaz o sonho e se refaz em lembranças, sorrindo e chorando entre velas e orações, toda a novidade se refaz em antiguidade, pela experiência, a lembrança e a paciência, em tantos filmes e verdades, música de saudade, estou à vontade na pele que me faço presente e a ausência de quem sente e não é conivente e as durezas da alma, façanha entre calma, astúcia, se eu sou lembrança afirmo de novo que o novo é o que será que as pessoas estão achando deste começo de oficina. Talvez não, agora, mas quando voltar, estou divagando, certamente não é o que esperavam, de tempos em tempos, contanto que tenham uma boa experiência, e não me reconheço no próprio silêncio, estou ao relento, Agnaldo me disse que seu braço está doendo, a sete palmas do meu esquecimento, e a dependência refaz a ausência de um corpo ausente de tudo que é recente, às vezes uma boa experiência requer um pouco de desconforto para no final vir alguma satisfação, mas não se

compreende enquanto, enquanto, enquanto estou esperando, para ser tanto que não me vejo, se sou tanto, estou divagando enquanto sou pranto.

Se a terra sob meus pés cedesse neste momento e fôssemos todos engolidos.

Todo dia vejo, vejo, vejo e não canso de ver, ah, que bom que vejo, é sinal que estou olhando, e quando olho vejo tudo, de tudo, tudinho, um monte, um montinho, um montão, muitos montes, montes de gente, de comida, ah, e como é bom comer, como, como e não paro de comer, e se eu parar de comer será que eu morro? Não, não morro não, ainda tenho de tudo, tudinho, está na natureza, que beleza, que beleza, chama o síndico, Tim Maia, aqui neste mundinho fechado ela é incrível, com seu vestidinho preto invisível, sim, sim, sim, foi isso que eu quis dizer, invisível, pois é, ela anda quase pelada, ah, mas se o rei está nú, sim, ele pensa que está vestido, é que ganhou uma roupa mágica, ah, coitado, eu acho que ele está louco, ah, a loucura, a loucura, a loucura, todo mundo na verdade é louco, e se sou louca, louca é quem me diz que não é feliz, ah, como sou feliz, mas não pense que minha vida é fácil, eu trabalho, lavo, passo, canto, dou comida para os gatinhos que eu amo, ah, como eu amo os animais, mais que gente porque são amorosos, sinceros, gostam tanto, tanto, acabou o papel. E ainda continuaram os pensamentos.

E se a terra sob os nossos pés cedesse e se nos engolissem a todos agora, neste momento?

Primeiro dia de oficina *O corpo neutro* em São Bernardo do Campo. A luz é amarela, o chão é frio, mas as pessoas são amigáveis e queridas e temos ainda por cima a Sarah, que é a nossa mascote. Quando me vejo no espelho serei eu? Bem-vinda, Sarah, espero que você esteja gostando. Hoje li muita coisa sobre a experiência e se a terra cedesse aos nossos pés agora eu transmutaria.

A casa, mão, dedo, papel, usei o dedo no papel e desenhei uma mão, ou um mamão? Mente, semente, serpente dormente, cansada, moída da vida, comi o seu sabão, leitão, do jeito maneiro, ceifeiro no celeiro, arroz, macarrão, gengibre, o tigre martela a bengala, Jamaica de dia, sol quente, premente, barganha Saldanha, mar, janela azul, do tomate, arremate, costura, linha, obtura, conjura na mente torrente de ideias, na teia, baleia, granjeia, sapato mordaz, alcaçuz, cuscuz, ovo, natal, sereia, asa de tubarão,

janelão, jalapão, roxo, penujem, casaco marrom, deleite, azeite, papel de limão, lisas palavras, contentes, sementes deitadas, peladas, sofás laranjas, cortinas floridas, livros listrados, caminhões verdes, paredes pintadas, janelas abertas e portas quebradas, lua na água, grama sem grana, castelo, coroa, lantejoula, pavão, terra cinzenta, lamenta, gosmenta, outras escolhas, bolhas, colibris, lambris.

Do alto de um morro assisto a um espetáculo que não posso nomear, uns chegam, outros partem. O que dizer disto, o que e onde, para onde, que estrutura é esta que mantém este corpo de pé? É difícil explicar. E aos outros? O que mantém os outros de pé? Mas nem tão difícil entender. E se a terra sob os meus pés neste momento cedesse e nos engolissem a todos? Eu transmutaria. Viraria um balão sobre a grande depressão. Eu não estaria aqui participando desta grande peça. Estou perdido. Não estou ouvindo. Eu tenho audição perdida. Estou desfocado no grupo. Não estou ouvindo vocês. Escreveu? Palavra em branco num papel inteiro. Uma semente. Não escrevi nada.

9.8.18

Fazer esse exercício foi surreal, pois parecia que eu estava em uma dessas cenas de filme em que tudo para, menos o protagonista. Caos. Calmaria. Alegria. Fuligem. Vigor. Paciência. Amor. Como cuidar do espaço? Angústia. Adrenalina. Comida. Cigarro. Ansiedade. Vida vivida. Caminho. Chegar. Parar. Respirar. Voltar. Lembrar. Agarrar. Soltar. Sonhar. Ultrapassar os limites. Demorar é difícil. Demorar no movimento. Pelo chão desta biblioteca a minha cabeça flutua no escuro. Era estranho aquele caminhar, não estava pensando em nada, até que tudo fez sentido. Era uma cidade e nela tinha tanta gente, mendigos, crianças, adultos. Havia gente chorando, rindo, mas também muitos animais que acabavam, às vezes, devorando aquelas pessoas. Dois homens a apertar as mãos. Alguém tampando os ouvidos. Alguém operando a mesa de som. Alguém lendo um livro que depois vai virar telhado. As minhas mãos vão virar árvore. É preciso apontar a capacidade de voltar. O poeta morre todos os dias. Velho piano ferrugento. Sorrir. Divertir. Caminhar. Abraçar. Beijar. Nem sempre foi assim. Antes da chuva que caiu nesta noite. Por amor de Deus. Mover para escrever. Dizem que quando você lê uma coisa. Seja bem-

vinda. Verdades. Mentiras. Foi um contador de histórias quem me disse isso. Vamos ao cinema. Esse tempo bem dito, contido. Paciência. Amor. Angustia. Quando eu voltar a ser. Passo a maior parte do tempo fora de mim. Vivemos abaixo da linha do equador. Não vamos ganhar o Nobel. Eu faria uma coisa qualquer. Eu entrego a folha em branco. Cinza por dentro. A falar de palavras sem nexos. Com mente brilhante, brilhará. Por necessidade ou medo de fazer ou não fazer. Céu profundo. Nesta hora. Nesta noite. Ao anoitecer pedir-te-ei a mão em casamento. Realmente, uma experiência surreal. Essa rosa chamava a atenção daquela gente. Que queria mudar de vida, mas era presa. Presa a pensamentos egoístas e maldosos. Que queria aquela rosa? Como cuidar do espaço? Pelo chão desta biblioteca, dentro da oficina, a minha cabeça flutua no escuro. Hoje eu queria um suco de laranja. Somente aqueles que conhecem a mente como as teclas de um piano velho e enferrujado. Algo que eu realmente odeio. Fora da casinha. Sabia. Nervosa. Perfeição. Alunos. Pensamentos a mil. Por amor de Deus. Aos poucos. Duas jogadas sujas na rua da minha casa. Vizinhança. Senão vai sofrer aquela consequência. Deve ser muito difícil ser isso. Ficar neutra na medida do possível. Ao menos não concretamente na vida material, materializada como gente, porque vida em manchete de jornal ou em estatística de relatório não é vida não, uma vida assim ninguém quer. O céu está ciente que a escuridão existe. O escuro também é o azul e o azul também sou eu. Mas aquele caminhar era muito estranho e eu não entendia nada. Uma vida assim ninguém quer. Estou afim de te dar o que tenho em mim e é só meu. Gente que não existe. A mente brilhará. Todos brilhantes como o sol. Hoje eu já nem sei. Duas jogadas sujas na rua da minha casa. Crua. Pelos. Pele. Carne doce. Se não as enxergo é porque sou cego ou elas não existem. Deve ser muito difícil ser isso. Hoje eu trouxe um cachecol. Que não existe. Amanhã é aniversário da minha mãe. Hoje eu já nem sei. Duas jogadas sujas na rua da minha casa. Foi um contador de histórias quem me disse isso. Um dia houve teclas de piano para suspirar. Na rua da minha casa sem telhado ou geladeira. Haverá um dia de ser tudo e tudo serei eu. Nessas em que tudo para, menos o personagem principal. Realmente uma experiência surreal. Irreal ao extremo. Extremo que se faz realidade. O espaço. Como

cuidar do espaço? A cena que eu vi, dois homens a apertar as mãos, alguém tampando os ouvidos, alguém operando a mesa de som, alguém lendo um livro que depois vai virar telhado e minhas mãos árvores. A caminhada funcionou muito bem, eu estava seguindo Agnaldo. É Agnaldo o nome dele? Reginaldo. Tropeçar. E a caminhada funcionou muito bem. Eu estava a seguir Reginaldo. Eu e ele moramos e vivemos abaixo da linha do equador, não vamos ganhar o Nobel, mas ganhamos este espaço. Estes encontros. Estou afim de te dar o que tenho em mim e é só meu. A avó da Sarah chegou. Seja bem-vinda. Obrigada. Eu vejo e almejo todo o ensejo de uma vida já vivida. Nesta noite ensolarada cheia de pó de tempestade. Vou sugerir que fiquemos de pé para uma leitura coletiva. Cheias de pó de tempestade. Demorar é difícil. Demorar no movimento. Na escrita. No pensamento. Hoje em dia tudo acontece muito rápido. E se atrasarmos as coisas? Tenho que me acostumar aos pensamentos. Os ponteiros do relógio andam mais lentos. Estamos num lugar só. Estamos aqui. Cheia de pó de tempestade. Como é bom estar aqui neste espaço sem lastro. Caminhamos mais lentamente. Haverá teclas de piano para suspirar e os pássaros gorjeiam. Uma coisa qualquer. Quando você lê uma coisa em voz alta ela se torna real. Dizem que é por isso que contador de histórias é tão importante. Foi um contador de histórias quem me disse isso. Mais lentamente. Até parar. Agora cada um vai escolher uma palavra do seu texto e sem que a gente se sobreponha um ao outro, cada um vai dizer a palavra que escolheu. Estranho. Teclas. Crua. Nebuloso. Gostaria. Casamento. Laranjas. Manchete. Telhado. Odiosos. Batata. Sobrepor. Amigo. Poeta. Azul. Caos. Ilusão. Experimentar.

16.8.18

O peso volumoso para baixo me puxa para dentro das suas dobras soltas. Esconderijo cor-de-nada. Esconderijo pálido. Esconderijo quente. Onde posso afundar a pele, a calma, o frio, o cansaço de três semanas, a preguiça de hoje de manhã, a fome de daqui a pouco, pedaço de trama firme e forte urdidura infinita, ranhuras, dobras, vincos, linhas, passadores, peso tênue da coisa riscada para baixo que cai antes de chegar ao chão e se alastra pelos dois lados ainda forte e firme a trama, linhas infinitas, mordem-se, afundam,

fundam as ondas, sombra, alto, baixo, barra endurecida, fluidas ondas de baixo para cima, rasgos ausentes, sua urdidura rija se afasta, linhas em cascata diagonal para baixo e continua, para dobrar orla, dobra-se sobre um fio, dois mil, milhas, nervura passa linha sobre linha, trama, urdidura, cor-de-solidão, de nada, de calma, de quente. Peso de pender. Pesa até o quase chão, vão pequenino, quase nem vão, pende imponente seu peso. Pendem imponentes linhas infinitas, apontam para o quase fim do sem fim chão.

Parece que vira outra coisa.

Realmente.

Quem quiser chegar mais perto pode chegar, que o efeito muda.

Barreiras ativas. Sonhos novos. Que estão do outro lado. Uma simples cortina. Um pano. Passa por um fio, por uma barriga. Começa, espanto, é uma peça. É um começo. E um final de tudo. O peso que ela carrega. Mas também o sentimento belo que ela traz. Pois foi uma coisa que eu mesmo criei, sem saber que inúmeras cortinas virão pela frente. Que irão se abrir. As que já foram até agora e as que ainda aparecerão. Só não será a última. Não. Terá o sabor doce, mas também um sabor amargo. O amor ajuda, o azedo, o picante, de tudo nesta vida. Até mesmo o prazer. Sua esperança maçante. Assim como a raiva, a alegria, a angústia, a ansiedade, o amor, a tristeza. É incrível perceber que uma peça de pano com uma cor, sei lá, pastel, pode trazer tanta coisa. Tanta coisa que se você fosse antes sentir seria uma fuga para tudo, mas agora isto, uma cortina, é o que eu quero atravessar, para ser o meu show.

Morrer. O sol é quente, as mãos são frias e eu só sei que essa coisa respirava. Respirava em mim e para mim. Perpassava muros, atravessava o chão, perfurava os dedos. Meu útero pulsa e enquanto a vida acontece essa coisa existe em letras miúdas. Ela vinha também em pensamento. Teimosa, e o sol queimava e a brisa soprava e os caranguejos se moviam, o presente existe para ambos, o passado e o futuro não estão nem aí, o futuro é jogador no banco, o presente apenas é, acontece, eu respiro, meus ouvidos enxergam, meus olhos transpiram, minha alma pesa e o chão me chama e essa coisa ama, enxergando, ouvindo e presentificando, essa coisa flutua, perpassa, ela é sombria. Ouvimos os pingos da chuva, as crianças comentam com a tranquilidade dos que ainda não se perceberam fora do tom e eu sorrio e

eu tremo e essa coisa aqui chamando pra vida que acontece na quietude, o silêncio do viver representado pelas mãos que ouvem, a batalha do quente e do frio, a batalha da vida que acontece enquanto o amor foge de medo, penumbra, solidez, útero, eu estou na praia, mas queria afundar naquele abraço com cheiro de girassol, rebelde, desobediente, a vida acontece naquela coisa que eu não deixo acontecer, a saudade que fica no vácuo, na escuridão em que eu recuso a entrar, a vida se perde nas entrelinhas de um diagnóstico que muda tudo, essa coisa é a insistência em descobrir a existência.

Algumas coisas eu acho que não vou entender, mas tudo bem. Uma cor pulsante púrpura em movimento, escalada de objetos e aberturas e num rompante a textura, a luz e a escuridão, em movimento e sem sair do lugar. Não tem outra vez um sentido e não terá. A cabalística. Sem outra interpretação mística da inspiração de um órgão do corpo. Não há pele, não há parte, mas o órgão em função do corpo, cumprindo e descumprindo sua função em revolução e dissolução. Sem solução, uma outra visão. Mas a tarefa hoje está mais inusitada do que de costume. Desacelerei e agora os pensamentos estão mais rápidos do que a mão na caneta. Não existe uma explicação lógica. Dormir, respirar, andar, tentar ouvir, se ouvir. Fechar os olhos e ver a si mesmo e ver o outro sem desculpa, não estou conseguindo entender minha letra, vou passar para ouvir o que o outro não está a dizer, sentir prazer em ser espaço, tempo, corpo, pó. Talvez isto mude ao sair daqui, mas a sensação e a experiência ficaram no momento em que, sem saber para onde ir, o encontraria. Com receio do mais baixo ruído, sabendo que nada me aconteceria, o frio nas sensações, fora dos sentidos, dentro das confusões, quando não se sabe o que o tempo nos fez para não confiarmos na capacidade dos nossos próprios corpos. Matéria que nos leva aonde ordenarmos, mas onde e por que chegar lá. Não há resposta que possa nos bastar. Mas não ficará por isso mesmo, assim espero, olharemos a nossa cor, a nossa luz, que de dentro para fora reluz, seduz e ao mesmo tempo nos cega e nos reduz. Ainda não sei como agir e reagir, como não sair daqui de olhos fechados e mãos espalmadas em direção ao aconchego do meu lar, prestando atenção a cada som, sem medo, mas com cuidado.

Se quiserem tocar antes. Podem chegar bem pertinho. Eu fiquei bem assim. Um entrelaçado. Um desenho-corda. Cujos microburaquinhos

lembram outros buraquinhos do corpo humano, da natureza. Um fluxo. Um desenho que não tem fim. Um entrelaçado. O pequeno que não chegamos a notar, mas sem o qual não há o grande. A forma veio antes da cor. Vermelha com pretos salpicados. Uma malha, um pequeno mar. Não exatamente. Algo do líquido, do estado líquido. E sobre a costura, ao longo da costura, os dez chapeuzinhos de prata brilhante. Chapeuzinhos asiáticos. Chapeuzinhos vietnamitas em fila indiana. A carregar terra ou frutas ou outras coisas. São brilhantes. Um deles reflete meu rosto. Alguns estão mais tombados que outros. É uma foto. Estão prestes a tombar ou prestes a retomar o equilíbrio e seguir em frente. São dez chapeuzinhos prata. O último deles escondido sob o véu de uma cachoeira de cabelos negros. O último chapeuzinho é tímido. Na base de cada chapeuzinho um ponto vermelho. Um ponto vermelho que parece ter relação com sua estabilidade. Um ponto vermelho que é a continuidade, a raiz, o que está entre os coneuzinhos de prata e o mar-terra vermelho-preto por sobre o qual eles caminham em fila.

Era algo estranho, deslumbrante, que eu não conseguia ver, algo visível, mas não tão visível, que só as mãos puderam dizer. Sem direção fui até lá com minha sinceridade pela escolha. O que queria mais? Logo cheguei ao meu destino e quando toquei parei porque não acreditei que parei ali, mas fico feliz por parar. Quando abri os olhos logo vi e me emocionei, algo que o destino já tinha planejado e o chão premeditado, será que um dia nos encontraremos, um dia, para que minhas energias, será que um dia irei ver minhas energias novamente, que lá pousaram, não quero que ninguém se aproxime de lá, muito menos tocar, quem sabe outro dia recorte e leve para casa, para me lembrar um dia que senti algo estranho, algo que eu mesmo diria, eita, porque inigualável, só quem sentiu, sentiu, porque balas no azul do céu só os pássaros podem entender, que quando te pega não sabe de onde veio, quero tocar de novo para sentir novamente as minhas energias, mas não para tirá-las de lá e sim para falar delas, caramba, que sensação daquelas, cortina de anfiteatro que não posso explicar. A ciência pode explicar? Não sei, mas também não quero saber, caramba, quero a minha cortina, para dançar uma noite inteira de valsa com ela, mas eu não sei dançar, não tem problema, ela também não, estamos quites agora? Agora mesmo recorto a cortina, agora, agora, não, não tenho coragem, tem muita gente olhando,

vão me denunciar, queria ter asas para cortar a cortina e picar fora daqui, seríamos uma dupla dinâmica, garoto Reginaldo de asas e sua cortina.

Que coisa, um desejo, um desejo se apresenta assim de repente aos meus olhos que de abertos não podiam acreditar no que viam. As vagas ondas me transportam para longe daqui. Suava o toque que me envolve. Firme na sua constituição. Ora desaparece e aparece quando lhe dá na telha, pura compulsão. Ritmo. Um chilrear nos meus ouvidos que veem o que eu não posso querer. Um ser de luz surge da sombra e me toca. Fantasma, aparição, coisa assim tal e qual eu a descrevo, podem-na ver? Uma produção de sentido na sensação. Em vão. Não haverá como, suspensão, sou jogado no vazio, flutuamos para além das fronteiras pré-definidas deformadas e agora, agora abro os olhos e olho à minha volta e não está nada, estou sozinho, nada à minha volta, só o tempo suspenso e todos vocês que estão aqui. Eu observei cada um de vocês.

O que era essa coisa? Fria. Tarde de inverno. Era dezesseis de agosto de mil oitocentos e trinta e um. Sussurros gelados adentram a casa. Algo congelava nossos corpos. Algo a mais, lá bem no fundo de nós, nos deixava ainda mais frios. Um medo. Medo de quê? Talvez de que nos aprisionem ainda mais, e pior, sozinhos em nós mesmos. Que tão grande medo pode acelerar tanto assim o coração a bater descompensado? Será que não há algo errado em ter medo de estar consigo? Aprisionado em si é uma expressão que dá medo. O que era essa coisa que nos congelava ainda mais? Ninguém nunca saberá explicar e já agora em dezesseis de agosto de dois mil e dezoito ainda não sabemos que era essa coisa. Nem criança tem tanto medo como nós nestes dias frios, calados, às vezes somos como crianças. Às vezes como velhos. O que era essa coisa? Não saberemos dizer jamais, até que se esgotem as tentativas de compreender. Essa coisa é você.

O que era essa coisa? Eu me senti em um certo momento como Caetano Veloso quando discorria para Jô Soares um momento de alucinação quando ele, Caetano, tomara ayahuasca, servida pelo amigo Gil. Comecei a ver mandalas, de olhos fechados eu estava, de todas as cores e tipos que se moviam em um fundo escuro. Um cenário muito lindo e um instante agradável, também pensei por um instante, o que faço eu aqui. Agora. Perambulando sem rumo nesta escuridão. Ao mesmo tempo vinha uma

resposta, algum sentido tem. Essa coisa é a loucura fabricada buscando sentidos sem sentido, divertindo-se, escancarando sua grande boca cheia de dentes em vincos cor-de-rosa.

Era preto coberto por um pano preto tal qual ele. Em desuso. Um estranho no espaço. Deve ter sido imponente um dia. Deve. Deve ter sido caro também, isso deve, mas o que mais? Gente demais deve ter dançado ao seu redor. Alguns poucos se atreverão a tocá-lo. Foi caro, imponente, precioso. Hoje não é nada disso, não é digno nem de olhares. Tanto que um pano barato o cobre, um pano preto, é verdade, não é um pano qualquer, mas mesmo assim barato, barato demais perto dele, que um dia foi o centro e hoje está à margem, um instrumento marginalizado, marginal, criminoso, periférico no seu próprio salão, peso morto, antes fosse mais simples, e assim o pano não faria tanto contraste frente a sua monstruosidade, mas tem rodas ao menos, não lhe tiraram as rodas, há esperanças, ele pode sair e ir para outro lugar, um lugar melhor, onde terá valor, onde será o centro outra vez e não um mero obstáculo no percurso de alguém, seja quem for, um lugar onde será dádiva, onde será pleno, onde simplesmente será, enfim, voltará a ser algo, a ser coisa. Retomará seu status como objeto, saindo do lugar de desobjeto que a ele foi imposto por gente que não sabe o seu valor simbólico e material, gente que não sabe usá-lo e por isso o cobriu, gente que não entende sua grandeza, como seus antepassados. Ah, se a gente fosse eterna como os objetos.

23.8.18

Um pássaro passa voando e uma mulher jovem de cabelos pretos senta em uma cadeira à minha frente. Ela segura um celular, parece estar ouvindo música e espera por alguém. Quem? Crônicas clássicas dois em meio à tosse, gato xadrez em meio a incenso juvenil, sapato ato, sapata alcatraz. Estou em um semicírculo poligonal. Um estranho curioso à frente, uma celulética atrás. Atrás de mim vejo um jardim que não tem muita gente, noto que seria um bom lugar para ler um livro. Lá fora a cidade não para, carros e ônibus irrompem num fluxo automático às ruas, o ruído dessa massa em movimento transpassa os vidros da biblioteca, que não têm espessura o suficiente para que o silêncio predomine, assim como as

peessoas. Ouço alguém gritar corno na rua Jurubatuba. Um ônibus com destino à balsa passa pela faria lima. Ouço o alarme do início tocando novamente. Não há silêncio nunca. Ouço vozes, buzinas, motores, coisas tocando coisas, vozes, sussurros, lá longe vozes altas. O vento nos pneus. Alguém acaba de tossir e puxar o catarro pelas narinas, mas são sempre os motores o que mais ouço e do lado de fora do vidro vejo uma família, parecem felizes, o irmão mais velho falando ao celular, parece importante. Passam dois minutos das sete da tarde e é um momento movimentado, o som do trânsito atravessa as vidraças, trilha-sonora constante, barulho dos automóveis lá fora, ônibus, carro e moto, cidade do trabalho, como anda escrito por aí nas propagandas político-partidárias. São Bernardo do Campo, cidade do trabalho. Do lado de fora circula uma cidade agitada, apressada, barulhenta, digamos que é tanta correria que me cansa daqui onde estou, mas vejo entre os dois ambientes um contraste, carros passando lá fora, faróis acesos, uma placa de motel em vermelho, a paz, ou melhor, o silêncio em volta, é tão lindo, hora ou outra sendo quebrado por uma fala ou conversa aleatória. O cachorro balança o rabo para seu dono, talvez um sinal de quero brincar mais, joga essa bola para longe que eu irei pegá-la. Ele vem todas as noites, o dono joga a bolinha, ele corre, pega e volta repetidas vezes. Muitas coisas acontecem aqui, agora, acolá. No entorno desta biblioteca, à minha volta, muito longe, além das estrelas, nas entranhas da terra, nas minhas entranhas, nos átomos que não consigo sequer imaginar um mínimo de suas façanhas. Fico pensando, por gostar de silêncio, em como seria nossa cidade se soubéssemos respeitar o espaço. Sem nervosismo, sem agitação, frustração. Seu espaço, suas escolhas, tudo em silêncio, assim como estou, na verdade é estranha a complexidade da nossa vida. Tem gente para caramba neste mundo. A meu lado há uma mesa média com três cadeiras giratórias, vazias, não há pessoas a conversar ou a jogar. Ao meu lado há uma biblioteca, atrás das fitas que decoram sua entrada, vejo uma senhora vasculhando papeis em uma mesa. O que será que estão falando aquelas pessoas ali adiante? O que pensam meus colegas que participam desta oficina? Faço a mim muitas perguntas e nem as transcrevo, elas se perdem num emaranhado sem fim, faz-me lembrar Erico Veríssimo em seu livro O prisioneiro, as cartas que escrevia para a

filha, aliás, o personagem central escrevia as tais cartas. De uma brecha da estante vejo Bene e um pedaço de sua camisa amarela. Ela tirou a jaqueta, vejo toda a blusa. Tem um carrinho guarda-livros, um moço e o amigo estudam latim, bestia et omini, uma senhora sorri para mim, à minha esquerda vejo Bene, tomando seu tempo, observando o que acontece ao nosso redor, e mais lá ao fundo, num enquadramento perfeito entre livros na estante, surge o rosto de Kelly, apoiado nas mãos, ela não me vê, eu a vejo, agora ela me vê, e acho que escreve sobre isso. Vejo Renato. Ele olha para trás. Está procurando algum acontecimento. Depois tem o piano e o fim do olhar. A parede cinza. Vejo um dos coordenadores da oficina, Renato, pegando um livro e passeando com ele aberto pela biblioteca, outra pessoa caminha pela rua Jurubatuba e quando olho para trás vejo Renato com suas técnicas mortais de kung fu, talvez para ameaçar a senhora do outro lado da rua. Quando Renato entra na seção, o homem que estava dentro da seção, sentado com a bolsa sobre a mesa e lendo algo que parecia um jornal, levanta os olhos e observa atentamente os passos de Renato em movimentos pendulares de pernas, balançando o corpo com o braço em movimentos circulares. Renato surge do nada fazendo uma dança tão natural, parece livre. Passa novamente, mas passa correndo. Sem fôlego ele lê um livro à minha frente. Não sei o real motivo, mas a única palavra que retenho de imediato é viajar. Mesmo sentado consigo ver através das prateleiras esburacadas o movimento dos seus braços e ao longe parece ganhar mais impulso e velocidade. Tem ritmo o movimento. Vejo agora o moço da recepção levantar para ver o que está a acontecer. Penso na minha Lessia, minha caçula, com a barriga imensa que parece que vai explodir a qualquer instante e sair de lá meu neto Gael, penso em como explicar aos meus amigos que provamos recentemente, por vários testes, que a terra é convexa e não esférica, e como eles olharão para mim e dirão, esta está maluca demais, bebeu ou fumou. Uma pessoa dança para o mundo e descubro que pouco importam todas as cores e todas as letras se há uma pessoa que dança, um corpo vivo vale mais que mil palavras. Que biblioteca sem graça sem um corpo que dança. Vejo Renato dançando à minha frente. Ai, se por um minuto o mundo lá fora desse uma trégua e parasse para pensar. Para pensar no que está acontecendo. Mundos

extremos. Do outro lado circula dinheiro, negociações importantes, venda de carros, ódios, mas um barulho, e aqui onde estou um conforto, ao lado de muitas palavras, histórias de vida, de guerra, luta, classe, tradição, heroísmo, mas é interessante, essa biblioteca também gera um pouco de frustração. Neste exato momento há uma gama de transformações mundo afora, gente nascendo, gente morrendo, flores desabrochando, sementes germinando, amores se pronunciando, habilidades se permitindo acontecer, desafios múltiplos, propondo-se a reflexões em variadas situações tecnológicas, científicas ou empíricas. As curvas da prateleira fazem um desenho, uma organização, uma mistura de cores das capas dos livros. A luz no teto mostra um reflexo no chão. Um brilho com curvas que lembra um rio ou uma cobra também. De frente a um muro de romances brasileiros. O movimento pelo espaço atrás do muro me faz perceber o espaço infantil. O outro lado contém os mais incríveis mundos imaginários da forma mais simples e evidente. Agora que eu vi que a exposição do Denis foi parar do outro lado da biblioteca, ao fim da seção literatura inglesa. Através de umas quatro estantes consigo observar Samantha no extremo oposto do espaço, através de um alinhamento perfeito entre livros, pura coincidência. Acho que ela também me viu. E agora ouço Renato a ler por que a quantidade continua a prevalecer sobre a qualidade. Vejo dois meninos passar à minha frente, vejo que sua curiosidade para com os livros não é tanta. Duas crianças sobem as escadas da biblioteca. Dois meninos, dois irmãos. Lembro do meu irmão que está viajando agora. Estou com saudades. Duas crianças, imagino que irmãos, param diante do muro para olhar os livros. Um deles escolhe rapidamente um livro pop up como pude perceber através da fresta. O outro demora consideravelmente mais. Senta-se ao lado do irmão, folheia o livro e dá a volta ao muro. Sai, volta ainda com o livro em mãos e observa o muro à sua frente mais uma vez. O trânsito parece não ter mudado, mas o sinal parece ser rápido. O homem do lado de fora pisa na grama ao lado, mesmo tendo o aviso não pise na grama. Passa agora um ônibus chamado Esperança. Daqui de dentro do mundo onde estou observo que muitos que estavam no ponto de ônibus não deram muita atenção. O ônibus da linha um, com destino a Esperança, passa na avenida faria lima. Um homem de blusa azul ao fundo do quintal parece usar seu

celular. Será que ele e a mulher de verde se desencontraram? Alguém de sapatilhas vermelhas passa aqui perto, olha a estante, passa ao outro lado, escolhe, desliza os dedos nas lombadas, escolhe e vai embora. Vejo uma moça organizando, arrumando algo, que parece ser uma caixa, ela parece concentrada no que faz, usa óculos, o que eu acho engraçado, pois a meu ver na minha mente pessoas que usam óculos são inteligentes. E ver isso numa biblioteca acaba parecendo algo que traz sabedoria. Não sei dizer. Biblioteca com cortina de fitas coloridas é sinônimo de aconchego. Vejo o trópico de capricórnio, de henry miller, em destaque na literatura americana, estou sentado no topo de uma mesa de frente para essa seção. Quisera eu fazer um recorte, um quadro significativamente digno de uma visualização, já que uma imagem vale mais que mil palavras. Quem sabe? Enfim, estamos aqui onze colegas buscando ilustrar com palavras o que está acontecendo. Agora sento à mesa, junto comigo e com a moça de óculos com cabelo preso, a outra moça da oficina, a vó da Sarah. Agora Renato volta. A biblioteca foi reformada há alguns anos e aqui é um lugar agradável e acolhedor. Será que todos lá fora já tiveram a oportunidade de ir a uma biblioteca? O homem de azul parece uma estátua. Não move um músculo. Chego a duvidar da sua humanidade. Espera, ele acaba de me encarar. Agora não vejo Renato. E nem o ouço. O dançarino corredor volta lendo em voz alta, uma fala fora do contexto do espaço, mas que no momento, como descrevo no texto, faz minha mente trabalhar. Olho entre os livros um senhor lendo um jornal, espero que ele esteja lendo uma notícia boa. Aqui dentro há sentimento, há até movimentos marcados, há diferença, ora, o rapaz se decide por um livro e sai, porque a quantidade continua a prevalecer sobre a qualidade. Assim lê próximo de mim. Decido levantar e sentar à mesa onde estava sentado e vejo o livro que estava a ler, O ócio criativo, de domenico de masi. Há uma cadeira próxima da prateleira e ele se sentou, cruzou uma perna em cima da outra, está lendo um livro, mas na posição em que estou não vejo qual é. As cadeiras de rodinha estalam ao serem deslocadas. Destes pés existem os animais domesticáveis e os não domesticáveis. Me levanto e começo a dançar. Começo pelos passos de dança afro que acabo de aprender. Danço por toda a biblioteca até ofegar. Passo por todos. Passo por Filipe, Kelly, Douglas,

Mandy, Jaqueline. O único que não vi foi Paulo. Onde estará? Impossível não observar. Ele está passando por todos os cantos deste lugar. Um homem chega de repente, dançando, fazendo movimento enigmáticos, roubando a cena. Escuto os sussurros ao longe e percebo que Renato está lendo para outra pessoa. Será que está lendo o mesmo livro? Escuto uma mulher gritar na rua Jurubatuba. Me viro porque ela parece gritar meu nome. Linhas de luz suspensas sobre a minha cabeça. Traços que se refletem e multiplicam até as fachadas dos edifícios do outro lado da rua. Onde você gostaria de estar? Aqui dentro ou lá fora? Esqueço de observar o meu entorno por alguns instantes, pensando nas palavras ditas. Percebo como meus próprios pensamento me desfocam em meu objetivo. Escuto uma conversa de duas moças em que uma delas não sabe se faz um caderno de dobraduras ou não. Vejo quatro pessoas conversando, sentadas, duas crianças ao lado esquerdo, escolhendo livros, atrás um homem no computador. Ouço agora alguém a ler, acho que é Reginaldo. Alguém passa falando sobre sociedade industrial. Que tanto que a gente trabalha, mas quem fica rico é o nosso patrão, é muito capitalismo nesta sociedade, é uma ignorância profunda, porque a quantidade continua a prevalecer sobre a qualidade. Vejo uma senhora loira com duas bolsas, uma vermelha e outra preta, em direção à saída. A sapatilha vermelha continua a passar os dedos e escolher e um fluxo muito mais contínuo de pessoas subindo e descendo a escada azul índigo passa a transitar a meu lado. Seu porta-níqueis é também vermelho. Enfim, estamos aqui, onze colegas buscando ilustrar com palavras o que está acontecendo, mas, ora, enquanto escrevo aqui observo que ali andam pessoas aprisionadas em suas telas tecnológicas, a escravidão. A meu lado as pessoas estão fazendo origamis, duas mulheres, uma criança e um garoto. Um homem senta no chão, próximo à janela, de camiseta roxa, está escrevendo, faz parte da oficina. Me levanto e começo a dançar. Danço e danço com gosto, e então um livro me chama. Eu o pego e me surpreendo. O ócio criativo, um livro que sempre quis ler e que acaba de me escolher. Então começo a lê-lo em voz alta pela biblioteca, a primeira pessoa para quem leio é Jaqueline. Agora, neste momento, entra na seção onde estou Renato, dançando e fazendo uma espécie de gesto, depois ele pega um livro e lê um trecho, uma vez um arquiteto, foi só o que consegui anotar, ele dá

uma volta ao meu redor, lendo esse trecho de um livro qualquer, também ouço ele ler, mas só sussurros, parece que fala alguma coisa de tecnologia, subjetividade, os trechos são surpreendentemente contundentes, falam sobre nossos desejos igualmente presentes e totalmente contraditórios de diferenciação e homogeneização. Se na sociedade industrial eu desejava os sapatos para me sentir igual, agora Renato volta, só que agora ele está lendo um trecho de um livro que fala de sapatos, mais precisamente de tamancos. Olho para ele e ele olha para mim quando termina e sai em direção a Kelly. É engraçado, quando ele passa levo um susto, mas entendo o que ele diz. Lê atentamente com seus óculos grossos, mas sua expressão é meiga. Ela lembra minha avó. Vejo que a moça da caixa é professora. De alguma coisa que tem a ver com capas e desenhos, de forma bem didática ela explica com muita paciência como fazer uma capa para uma menina. Renato continua sua deriva pelo espaço da biblioteca, passa por mim uma vez mais, correndo agora. Será que pode correr na biblioteca? Renato está correndo dentro da biblioteca. Os carros correm lá fora. Nunca há silêncio. Um moço acaba de responder para outro onde ficam os livros que falam sobre teatro. Noto que de forma bem curiosa e devagar ele procura por um livro. Uma voz conhecida vinda de dentro dos livros da estante de lego. Homogênea. Gênica homoafetiva. Observo por entre o vidro que aqui há intelectualidade. E ali do outro lado há mediocridade, padrões inúteis, egoístas e severos demais. Alguém mexe no piano. Estudantes estudam, leitores leem, divagadores divagam, observadores observam e escrevinham. Paro por uns instantes a observar o livro à minha frente. Meus olhos leem ministério do silêncio. Imprevidência social. Cidadão de papel. Perfil da administração pública paulista. Assassinato de reputações. Caixa preta. Um senhor japonês chega agora próximo ao piano e solta umas notas soltas, o som se espalha pelo espaço e se mistura ao som do ônibus que acaba de passar. Ainda não sei o que há lá em cima, a curiosidade me corrói com o sobe e desce. Vejo Renato correndo novamente, ofegante, talvez o homem mais rápido desta biblioteca. Enquanto sorrio aqui, vejo um moço dançando na biblioteca. E no ponto de ônibus uma senhora, não dá para entender direito, mas imagino que ela está tentando puxar conversa com a moça ao lado, acho que para sobrepor sua solidão. Passa pela faria lima

um homem segurando sua blusa ao braço, motoqueiro sem ninguém na garupa, o menino empinando sua bicicleta na linha dos trólebus, um trólebus no mesmo sentido alguns segundos depois, um ônibus com destino a baeta neves. Duas crianças continuam a caminhar pelo espaço e suspeito que conhecem a moça dos mickeys. O pianista chega, o pianista se vai, me enxergo em vinte anos andando por aqui. O homem abre o piano e aperta aleatoriamente algumas teclas. Quase como se fosse um gesto proibido. Os carros passam lá fora, trilha sonora constante, o rugido dos motores, um alarme disparado, motocicletas, o som de sapatos se arrastando, se esfregando no chão, um rapaz todo de branco, sem seu bonezinho, deixa a biblioteca. Uma pessoa lá fora escrevendo sentada na cadeira. Agora, estou sentado próximo da seção história do brasil, parece um prenúncio do que vem por aí, que a história não é só o que para trás ficou, mas também o que ainda está por vir. Ouço vozes dessas pessoas ao fundo. Do outro lado da biblioteca estão conversando e ouço o ruído, o barulho dos carros e ônibus que transitam na avenida faria lima às dezenove horas e um minuto. Sempre me questiono de onde vem tanto ruído se eu não vejo ninguém. Agora não é diferente. Ouço passos e não vejo pessoas. Percebo pessoas que não existem, exceto as que estão presas dentro dos livros. Parece um dia normal em São Bernardo. O pai dos garotos. Enquanto isso, dois homens passam com fone de ouvido, um muito social e o outro não sei descrever, usa um boné. Ele para e amarra o cadarço do tênis. Estou aqui escrevendo, mas observando, há tanta desigualdade neste mundo, já nem sei mais o que está acontecendo. A revolta tomou conta de mim porque estou aqui sentada escrevendo, mas tem alguém lá fora sentado pedindo alguma coisa para comer. Um homem acena com as mãos, dois garotos vêm até ele, ele lhes explica algo que parece importante. Um combinado. Sejam bem-vindos à biblioteca monteiro lobato. O pai dos garotos chega, enfatiza que o propósito de cá estarem é que peguem um livro de seu interesse para levar para casa, e que não há por que ter pressa. O garoto com o livro na mão, como se não entendesse a necessidade de tal ato, encara o muro e devolve o livro ao local onde o encontrou. Um garoto, um daqueles dois, vem conversar com uma garota que de costas para mim lê algo que não consigo ver. Ela caminha até a prateleira, tem dúvidas sobre o que pegar. Ela toma

seu tempo. Parece tranquila. Alguém pressiona as teclas de um teclado ao passo que explica a um novo usuário as regras de uso e empréstimo. Tem mais gente sentada do que de pé. Mas vira e mexe entra alguém que rapidamente encontra o livro que procura e se dirige para fora daqui. A garota segue sua busca pelo livro perfeito. Ela empilhou quatro na estante à minha frente e continua a escolher. Livros aos montes enfileirados burocraticamente em estantes de lego. Um senhor amarelado me observa ao longe. A garota segue sua busca. Ela tosse uma tosse grossa. O garoto vem outra vez falar com ela, ela olha para mim e depois segue investigando a seção romance brasileiro. Começo a ouvir uma voz feminina claramente embriagada cantando desafinada no caraoquê do botequim. Seria a mulher de verde? Que saiu daqui para afogar suas mágoas no bar? Mas entenda que o barulho lá fora precisa do silêncio aqui dentro. E aqui dentro também precisa daquele ônibus que passa várias vezes lá fora. Eu, por exemplo, necessito de esperança. Aqui no meu mundo não tem. As luzes não param nunca. Nem as buzinas. Quando giro a cabeça à lateral de minha mesa avisto um quadro muito bonito, grande, com uma pintura na parte superior. Espera, agora entra um rapaz e vai para a seção de livros sobre psicologia, olho para trás e ele está a procurar livros nessa seção. Tira um intitulado Sexo e adolescência. Depois volta a guarda-lo na prateleira. Uma criança entra na seção e diz algo irrelevante ao rapaz. O jovem chega carregando seu capacete, cumprimenta a senhora que me sorrija e começa a falar do passado, da semana passada, do ano passado. Escuto Renato novamente, só que agora ele está atrás de mim. Um homem de branco com um cigarro na mão esquerda e uma lata de cerveja na mão direita, carregando uma sacola, pisa na grama do outro lado da biblioteca. Voltando à descrição do quadro que vejo à minha esquerda na parte superior, é a pintura do retrato da biblioteca há alguns anos. E na parte inferior do quadro grande, levanto-me e me dirijo ao quadro porque de longe não consigo identificar. Ao me aproximar, percebo que a pintura na parte inferior é outra vista, outro ângulo do mesmo retrato da biblioteca anos atrás. Sejam bem-vindos à biblioteca monteiro lobato. Renato volta a sentar. Neste exato momento há uma gama de transformações mundo afora. Alguém da mesa da esquerda desapareceu. Um vácuo à frente, um pianista sem piano, um quadro de um

tempo que passou, um assento vazio. A garota finalmente faz sua escolha e leva consigo um livro. Me levanto e começo a dançar. Agora são dezenove horas e vinte e um minutos. Ao tirar os olhos da folha na qual escrevo vejo movimentação de pessoas no espaço da biblioteca, uns passeando os olhos pelos livros da prateleira como procurando algum específico com dúvida entre qual escolher. Dois dos funcionários adentram a seção em que estou. E ouço o barulho de um livro cair. Alguém talvez sem querer derrubou. Acaba de passar um homem com sete livros. Deve gostar de ler. Ou será alguma pesquisa que irá desenvolver? Que será que estão falando aquelas pessoas ali adiante? Às ordens, impéria, só que M é pós-positivo. Soa mais leve. Mas motores não me deixam ouvir. O que será que tem lá em cima? As mesmas pessoas e pessoas diferentes sobem e descem e a curiosidade me corrói. Escrevo sem parar todos esses acontecimentos, mas são muitos mais do que consigo apreender. Pessoas riem lá ao fundo, um celular avisa a chegada de nova mensagem, você é o... Renato levanta, sorri para mim e começa a dançar. Em movimentos pendulares de pernas balança o corpo com os braços em movimentos circulares. Aqui eu poderia me levantar. Mas espero rejuvenescer nesta prisão de letras juvenis. Uma pessoa dança para mim e me sinto por um instante a pessoa mais sortuda do mundo. Nem me importo mais com o pianista sem piano. Pensei que ele estava ensaiando alguma peça. Se contorce pelas estantes. É uma dança. Seus pés fazem o corpo girar, cambalear, soltam-se os braços e some por entre as estantes. Ao longe, parece ganhar mais impulso e velocidade. Tem ritmo o movimento. O homem dançarino retorna, mas se vai. Ominis impera. Alas avis alas. Mesmo sentado consigo ver através das prateleiras esburacadas o movimento dos seus braços. Eu adoro pessoas diferentes, que sejam aquilo que são, que amam a vida e fazem dela uma oportunidade incrível. Para trás desse homem vejo pessoas circulando e vejo fantoches nas prateleiras, sem que haja alguém a brincar com eles. Indo um pouco para trás vejo não só Kelly olhando para algum lugar, como também visualizo a pessoa que está conversando com o homem de fone ao lado. Que já os tirou. Esse cara é aquele que vi passando pela vitrine da biblioteca, ele está usando social. Chega um homem de blazer enrolando nas mãos seus fones de ouvido. É amigo do moço, apertam-se as mãos, sorriem, começam a conversar, não

consigo ouvir quais palavras, só murmúrios, são os faróis que atrapalham. Risadas. Três homens a conversar. Cumprimentou a professora com um beijo e se sentou à mesa com eles. Agora todos ouvem o que ela fala. Ela conta uma história. Um deles desgarra do grupo para olhar o celular. Volta. Os três a conversar. Filipe adentra a biblioteca. Dois garotos adentram a biblioteca. Filipe de novo. E de novo. Desta vez ele sorri para mim. Sento próximo à entrada, sou o último a entrar, mas de longe as luzes não calam nunca. O barulho do jornal que aquele moço tem em mãos me chama à atenção, já que vejo um homem na porta do restaurante indo de um lado para outro. Ao lado, a imagem do relâmpago mcqueen, e atrás de mim Renato levanta os polegares para simbolizar o fim. Logo após esta mesa, indo ao fundo do espaço em que me encontro, um homem lê algo que de longe parece um jornal, sua bolsa está sobre a mesa. Ao redor da mesa em que esse homem está há duas cadeiras vazias, ele está sozinho. O homem das fotografias limpa a garganta, seus óculos de grau saíram da cabeça e escorregaram até os olhos. Ele agora escreve algo. Então rastejo por baixo de uma prateleira com um livro na mão e começo a lê-lo às costas de Sol. Leio no chão sobre o desejo de distinção e então volto a me sentar onde estava e onde agora está Filipe a sorrir para mim. Há um livro bem à minha frente intitulado a caixa preta, o relato de três desastres aéreos brasileiros. Um livro que sempre quis ler e que acaba de me escolher. O enigma da borboleta. Já está tão escuro lá fora e essa mesa tão branca em um círculo tão perfeito. Acabou a brincadeira. O cão se foi. Faço a mim muitas perguntas. E nem as transcrevo. Atrás da estante vejo três mulheres numa mesa, uma de camiseta branca de óculos, escrevendo, a vó da Sarah de amarelo, e sei que é Samantha de blusa cinza devido à manga cumprida e à nossa aliança, também escrevendo. De onde estou agora vejo Sol através de outra prateleira. E num enquadramento perfeito entre livros na estante surge o rosto de Kelly apoiado nas mãos. O moço ensina o amigo. Pessoas arrastam passos. Até ofegar. Um homem com duas sacolas na rua coloca as duas em uma mão e atravessa na faixa e desaparece passando pelas grades da concessionária. Ouço agora alguém a ler, acho que é Reginaldo. Um homem de boné passa com sacolas de supermercado cheias pela avenida faria lima. Muitas coisas acontecem. Ouço carros e, ao contrário das

peessoas, eu sei que eles estão ali, no ir e vir infinito, magoando as gotículas de garoa e atrapalhando a paisagem. Hoje é dia de medo infundado e um piano mudo me dá ainda mais medo. O ruído desta massa em movimento transpassa os vidros da biblioteca que não são espessos o suficiente para que o silêncio predomine. Assim como as pessoas. Pelo reflexo do vidro vejo o rapaz atento, estuda talvez. E Renato levanta os polegares. Me levanto e começo a dançar. À minha frente metros de livros. O cão passou pela quarta ou quinta vez. À frente vejo o livro que meu filho sempre quis ler. O pai chega novamente como se decepcionado, mas conformado, diz algo e sai, passando em frente aos romances brasileiros. Poucos segundos depois, os garotos vão atrás. O pai para o segurança do lugar por onde estava passando, pergunta onde é o banheiro, decidem ir para o do lado de fora. Atrás da prateleira que está bem à minha frente há funcionários da biblioteca mexendo em pastas, outro no computador, outro caminhando como que tirando algo de um lugar para organizar em outro e novamente entra alguém na seção que fica atrás de mim. Maurício segura o queixo com a mão, um funcionário da biblioteca, que eu não via pois estava atrás de uma pilastra, levanta-se de sua mesa, está de pé, olha fixo para o horizonte com cara de poucos amigos, dançar pode? Paredes cinzas, escada azul logo à minha frente. Na escada, uma mulher sentada escrevendo. Um quadro de tecido de pano preto e laranja. As fitas balançam ao ar. Enfim, estamos aqui, onze colegas, buscando ilustrar com palavras o que está acontecendo. O cachorro mais uma vez retorna a seu dono, deitando-se e querendo uma pausa, com a língua para fora para respirar fundo. As peças de xadrez enfileiradas até parecem sociáveis. Volto a observar e um fluxo muito mais contínuo de pessoas subindo e descendo a escada azul índigo passa a transitar ao meu lado. Fitas na porta de vidro com várias cores, rosa, lilás, roxo, laranja, vermelho, azul, branco, amarelo, verde. São mundos extremos. E você? Já pensou em qual mundo deseja estar? Mude, construa, mas seja. Não sei o real motivo, mas a única palavra que retenho de imediato é viajar. Você é a... Outro motoqueiro fura o sinal. A moça que veste a camiseta com os vários mickeys continua por aqui. A diferença. O rapaz perguntou ao funcionário onde estão os livros sobre teatro. À minha frente vejo os livros infantis, biografias, gibis e dvds, brinquedos como

fantoche, caixa, encaixa, lego, carrinhos e caminhões, ursinho, caixa de ferramentas, capacete, lápis de cor e o uno à frente. Na lixeira uma garrafa de suco. A embalagem de cookies, tudo consumido. Cadeira que gira, piano sem pianista, livro sem leitor. Ouço um som desafinado. Um homem abre o piano. Começo a ouvir uma voz feminina claramente embriagada cantando desafinada no caraoquê do botequim. Me inclino para frente, quero ouvir. A oportunidade de escolha. O que está acontecendo? Escuto sussurros aos longe e percebo que Renato está lendo para outra pessoa. Será que está lendo o mesmo livro? O pai sobe as escadas onde estou sentada. O homem antes dançando agora corre como em uma corrida matinal. O que está acontecendo? Talvez separados possamos cobrir a totalidade de um espaço. São os faróis que atrapalham. O que eu não sei o outro pode saber. Os dois meninos de antes passam de um lado para o outro, mas ao passar à minha frente eles me olham. Sumiram todos. Bene e Renato. Assassinato de... mais uma vez e voltam para subir as escadas, desta vez acompanhados por uma garota que deve ter os seus treze ou quatorze anos. O que será que tem lá em cima? Duas crianças sobem as escadas da biblioteca. Dois meninos, dois irmãos. O rosto do reflexo olha para mim. A moça que veste a camiseta com os vários mickeys continua por aqui e agora, de perto, vejo os vários livros que carrega na mão. Mas rapidamente desaparece só com um de capa rosa. E caminha agora desconfiada pelo espaço como se sentisse que lhe escondem algo. Meus olhos leem ministério do silêncio, imprevidência social, cidadão de papel, perfil da administração pública paulista, assassinato de reputações, caixa preta. A garota segue sua busca pelo livro perfeito. Alguém acaba de tossir. E então o livro me chama. Eu o pego e me surpreendo. Um livro que sempre quis ler e que acaba de me escolher. O dançarino corredor volta lendo em voz alta, numa fala fora do contexto do espaço, mas que no momento, como descrito no texto, faz minha mente trabalhar. Eu então começo a lê-lo em voz alta pela biblioteca. Outro motoqueiro fura o sinal, só que agora não tem comida em suas costas. Mais barulhos dos automóveis lá fora. Os automóveis seguem passando infinitamente. Ônibus, carro, moto. Enfim, estamos aqui, onze colegas, tentando ilustrar com palavras o que está acontecendo. Cheiro de carros e barulho de motocicletas. E eu aqui sentada escrevendo. Por que a

quantidade continua a prevalecer sobre a qualidade? Há livros sobre teatro. O céu agora está mais limpo, as nuvens se dissiparam e eu vejo a lua com mais nitidez. Não tenho certeza se é uma lua cheia, mas seu brilho é forte. A estrela solitária continua lá. O único que não vi foi Paulo. Onde estará ele? Vejo Sol através de outra prateleira. Paro por um instante a observar. Aqui dentro ou lá fora? O vento esfria meu corpo. Bibliotecas têm um quê de fúnebre. Mesas brancas com cadeiras cinzas. Pufes nas cores laranja, rosa, azul claro, amarelo e verde. Em cima uma Emília sentada. Agora são sete horas e vinte e um minutos. Muitas coisas acontecem aqui, agora, acolá. No entorno desta biblioteca, à minha volta, muito longe, além das estrelas, nas entranhas da terra, nas minhas entranhas, nos átomos que não consigo sequer imaginar um mínimo de suas façanhas e ouço o barulho de um livro cair e do outro lado da rua vejo três homens esperando o sinal abrir, dois parecem mais jovens que o terceiro e quando abre e atravessam um se separa e os outros dois seguem o caminho conversando, o que será que estão falando aquelas pessoas ali adiante? Ela está massageando as mãos e alongando o corpo sentada mesmo. Então o rapaz segue até lá. Estantes de livros, espaço infantil, uma caixa vermelha, brincando de folclore, uma galinha preta e um tecido escrito era uma vez. Estar ao lado de livros e de pessoas que buscam conhecimento traz paz de espírito, calma. Livros encolirados, prostitutas de cores, criadores de traços, ladrões de sonhos, cadeira que gira, pianista sem piano, livro sem leitor. Percebo como meus próprios pensamentos me desfocam em meu objetivo. A paz, ou melhor, o silêncio em volta é tão lindo, ora ou outra sendo quebrado por uma fala ou uma conversa aleatória. As luzes não calam nunca, acima dos livros, refletidas nos vidros, nos faróis dos carros, no brilho do meu esmalte, no reflexo das lâmpadas no piso, a claridade não silencia. Mas entenda que o barulho lá de fora precisa do seu silêncio aqui dentro. Chegou mensagem no celular do moço. À frente da mesinha em que estou escrevendo tem uma seção de livros de direito e outra de livros de educação. As curvas da prateleira fazem um desenho organizado, uma mistura de cores com as capas dos livros. Livros aos montes enfileirados burocraticamente em estantes de lego. Em exposição tem um livro chamado chico xavier, um herói brasileiro no universo da edição popular.

Bom é que aqui dentro é quentinho e lá fora deve estar frio. O vento esfria o meu corpo. As fitas balançam. De frente ao muro de romances brasileiros o movimento pelo espaço através dos livros nos faz perceber o espaço infantil. Outro carro estaciona na vaga daquele que saiu para casa, eu acho, abriu a porta, uma van saiu, é uma mulher, não sei, conversando talvez dentro ou fora do carro, pelo celular, não consigo definir a lataria e os gritos atrapalham minha visão. Três cadeiras giratórias vazias, não há pessoas a conversar ou a jogar sobre elas. Mas o que eu li aqui é preciso compartilhar. Que adianta viver da mesmice? Que adianta viver da mesmice? O que adianta? Auvire e veri. O trânsito não parece ter mudado. Avisto um quadro muito bonito, grande, com uma pintura na parte superior. Gente nascendo, gente morrendo. Flores desabrochando, sementes germinando, amores se pronunciando, habilidades se permitindo acontecer, desafios múltiplos se propondo a reflexões em variadas situações tecnológicas, científicas ou empíricas. Auvire e veri, os homens não podem ver nem ouvir os deuses. Enquanto uns choram para chegar logo em casa, pegando o busão lotado, outros como eu estão aqui escrevendo e observando. Escrevo sem parar todos esses acontecimentos, mas são muitos mais do que consigo apreender. Pessoas riem ao fundo, um celular avisa a chegada de nova mensagem. Ela olha o celular e esquece, o celular provavelmente é o objeto de pesquisa. A tecnologia cresce, mas o olhar sobre o outro cai cada vez mais. Ela não me vê, eu a vejo, agora ela me vê, e acho que escreve sobre isso. Ainda desconfio que ele seja um fantasma, ele e a mulher de verde. Sempre me questiono de onde vem tanto ruído se eu não vejo ninguém. As luzes não param nunca. Nem as buzinas. A meu lado vejo um homem. No celular. Talvez bastante interessado em seu portátil. E então rastejo por debaixo de uma prateleira com o livro na mão. Troco visualização por reflexão. Renato surge do nada, mas fazendo uma dança tão natural, ele parece livre. Me levanto e começo a dançar. A liberdade. A oportunidade de escolha. Danço por toda a biblioteca, até ofegar. Passa novamente correndo, sem fôlego. Um corpo vivo vale mais que mil palavras. Passo por todos. Passa por mim uma vez mais, correndo agora. Será que pode correr na biblioteca? E quando olho para trás vejo Renato com suas técnicas mortais de kung fu. O único que não vi foi Paulo. Onde estará? O vento

sopra novamente e faz as fitas coloridas da biblioteca dançarem. Biblioteca com cortina de fitas coloridas é um sinônimo de aconchego. E agora sentado próximo à seção história do brasil parece um prenúncio do que vem por aí, que a história não é só o que para trás fica, mas também o que ainda está por vir. O pai desce a escada com um dos filhos. Algumas pessoas atrás. O outro já havia descido antes. Voltam para trás do muro e finalmente parece que se entreteram. Pessoas subindo e descendo as escadas. Pessoas andando pela biblioteca. Renato está correndo dentro da biblioteca. Talvez para ameaçar a senhora do outro lado da rua. O que pensam meus colegas que participam desta oficina? Uma senhora sorri para mim e à minha esquerda vejo Bene tomando seu tempo, observando o que acontece ao nosso redor. Um senhor amarelado me observa ao longe. Ele lê um livro à minha frente. Não sei o real motivo, mas a única palavra que retenho de imediato é viajar. E então um livro me chama. Eu o pego e me surpreendo. O ócio criativo. Um livro que sempre quis ler e que acaba de me escolher. O dançarino corredor volta lendo em voz alta, uma fala fora do contexto do espaço, mas que no momento, como descrito no texto, faz minha mente trabalhar. Eu então começo a lê-lo em voz alta pela biblioteca, a primeira pessoa para quem leio é Jaqueline. Por que a quantidade continua a prevalecer sobre a qualidade? E quando termina, sai e vai em direção à Kelly repetir o versículo. Os trechos são surpreendentemente contundentes. Faz caretas e leva as mãos à cabeça, parece estar com dor, mas logo depois ri, deve ser tudo parte de sua história. Ao longe parece ganhar mais impulso e velocidade. Uma vez um arquiteto, é só o que consigo anotar. E o que está acontecendo agora? Muitas coisas acontecem aqui agora e acolá. Ele dá uma volta ao meu redor lendo esse trecho de um livro qualquer. Agora ele corre mais rápido do que qualquer um na biblioteca e me olha de relance. Passa por mim uma vez mais, correndo agora, será que pode correr na biblioteca? Uma mulher com uma sacola atravessa a rua, parece bem cansada, tirando o suor do rosto. Ela não me vê, eu a vejo, agora ela me vê. Desta vez consigo ver pelo canto do olho seu coque e a sua bolsa, é uma mulher. Garanto que ao longo da noite param mendigos no ponto aqui ao lado. O rapaz se decide por um livro e sai. Espero que ele esteja lendo uma notícia boa.

Escuto seus passos. Que mundo estranho. Um piano mudo me dá ainda mais medo. Ouço agora Renato a ler. Vejo que sua curiosidade para com os livros não é tanta. Outro motoqueiro fura o sinal. Ouço agora Renato a ler por que a quantidade continua a prevalecer sobre a qualidade. Assim lê próximo de mim, decido levantar, sentar na mesa onde estava e ler O ócio criativo, de domenico de masi, e então volto a me sentar onde estava e onde agora está Filipe a sorrir para mim. O homem de azul também foi embora. Abre o piano e aperta aleatoriamente algumas teclas. Quase como se fosse um gesto proibido. Solta notas soltas pelo ar, o som se espalha pelo espaço e se mistura com o som do ônibus que acaba de passar. O pianista chega, o pianista se vai. Acaba a brincadeira. Porque são diferentes, mas ainda não aprenderam a se completar. E do outro lado da biblioteca vejo um senhor calvo que por sinal está olhando o notebook dele. Há uma cadeira próxima à prateleira e ele se senta, cruza a perna em cima da outra, está lendo um livro, mas na posição em que estou não vejo qual é o livro. O que pensam meus colegas? Sei que veste uma blusa azul, um tênis preto com sola laranja e que possui uma barba, seu cabelo é grisalho. O que está acontecendo? É engraçado observar. Realmente. Vejo agora, o moço e o amigo estudam latim. Bestia et ominis. É aquele que vi passando pela vitrine da biblioteca. Ele está usando social. Apertam-se as mãos, sorriem, começam a conversar. Três homens a conversar. Vejo que estão nervosos. Apreensivos porque o ônibus não vem. Um deles se desgarra do grupo para olhar o celular. Ainda bem que o tempo não está chuvoso. Volta. Tento prestar atenção à conversa, mas a tosse de algum homem é mais alta que a conversa. Escuto uma conversa de duas moças. Os três a conversar. O que será que estão falando? Eu poderia me levantar, mas espero rejuvenescer nesta prisão de letras juvenis. Uma cadeira é arrastada. Assassinato de reputações. Uma moça veste uma camiseta com vários mickeys, são vários, estampados. Renato levanta os polegares fazendo sinal de joia. Bebe ou fuma. Todo de branco, sem seu bonezinho. Já está tão escuro lá fora. Maurício segura o queixo com a mão. Ouço alguém gritar corno na rua Jurubatuba e num enquadramento perfeito entre livros na estante surge o rosto de Kelly apoiado nas mãos. Está maluca demais. Ela caminha até a prateleira, tem dúvidas sobre o que pegar, ela toma seu tempo, parece tranquila. Os homens não podem ver

nem ouvir os deuses. Que biblioteca sem graça sem um corpo que dança. Me levanto. Nem todos os dias são felizes. E começo a dançar. Ao lado da imagem do relâmpago mcqueen. Ele vem todas as noites. Um deles escolhe rapidamente um livro pop up como posso perceber através da fresta. Os dois meninos de antes passam de um lado para o outro. Até ofegar. Desde pequena, a barriga imensa, aprendi que as diferenças se complementam. Seu irmão ainda sentado com o livro em mãos é interrompido. Diz algo ao garoto indeciso que circula o muro mais uma vez e sai, volta e retorna para a companhia de seu irmão que, como se fosse derrotado, o acompanha à mesa do bibliotecário aonde vão e voltam para pegar papel e lápis e se sentam em mesas baixas de costas para o muro de livros. O que está acontecendo? A terra é convexa e não esférica. As esquadrias das paredes estalam. Mas imagino que ele está tentando puxar conversa com a moça ao lado. Uma porta bate. Atrás de mim vejo que tem um jardim. Uma voz conhecida vem de dentro dos livros da estante de lego. Não há silêncio nunca. É uma ignorância profunda. A garota segue sua busca pelo livro perfeito. Será que ele e a mulher de verde se desencontraram? Bebeu ou fumou. E vejo uma família, parecem felizes. Mas uma família lá fora tem seus erros e acertos. Tristeza e alegria. Mas o que eu leio é que é preciso compartilhar. Ele vem todas as noites. Escuto sussurros ao longe, percebo que dois meninos correm na rua. O cachorro balança o rabo. Enquanto os carros passam. Pouco tempo depois os meninos voltam. A sociedade em geral já está dependente demais desta chamada, seja o que o outro quer. Então rastejo por debaixo de uma prateleira com o livro na mão e começo a lê-lo às costas de Sol. Leio no chão sobre o desejo da distinção. Compre que você será visto. Talvez um sinal de quero brincar mais, joga essa bola para longe que eu irei pegar. Corre pega e volta. E a curiosidade ainda me corrói. Soa o sino da igreja. Bibliotecas têm um quê de fúnebre. É hora de sair correndo para conseguir pegar essa esperança. Não consigo definir a lataria. E os vidros atrapalham minha visão. Desafios múltiplos. O cachorro mais uma vez retorna a seu dono, deitando-se, querendo uma pausa, os meninos do corre-corre acabam de passar aqui. É tanta correria que me cansa de onde estou. Renato, um emaranhado, está correndo sem fim dentro da biblioteca. Ainda não sei o que há lá em cima. A curiosidade me corrói com o sobe e desce. Vejo que

sua curiosidade para os livros não é tanta. Aprendi a conviver no barulho. Mas sabe, ao entrar numa biblioteca tudo pode se refazer. Há um livro bem à minha frente intitulado a caixa preta, um relato de três desastres aéreos brasileiros. É tanta correria que nossos sonhos e fê muitas vezes se perdem, por não acreditarmos em nós mesmos. Uma biblioteca acaba por dar um ar de sabedoria, não sei dizer. Eu sei que todos os dias ser otimista não cola. Outro motoqueiro fura o sinal, só que agora não há comida em suas costas, e sim um passageiro, ambos com capacete. O moço do reflexo olha para mim. Mas ainda não aprenderam a se completar. Espera, ele acabou de me encarar, ele é humano. Tão distintos, mas tão pobres. Esqueço de observar meu entorno por alguns instantes, pensando nas palavras ditas, percebo como meus próprios pensamentos me desfocam em meu objetivo. Escuto um barulho de lápis batendo contra a mesa. Sempre me questiono de onde vem tanto ruído. Um moço acaba de responder a outro onde ficam os livros que falam sobre teatro. Noto que ele, de forma bem curiosa e devagar, procura por um livro. É aquele que vi passando pela vitrine da biblioteca. Ele está usando social. Eu adoro pessoas diferentes. Vejo que a moça da caixa é professora. De alguma coisa que tem a ver com capas e desenhos. Um homem na porta do restaurante, indo de um lado para o outro. Alguns leitores olharam pra gente com olhar curioso. Preciso largar o meu mundo e ir ali ao outro mundo, que está esperando para eu ser quem eu quiser. E atrás de mim Renato levanta os polegares para simbolizar o fim. Me levanto e começo a dançar.

30.8.18

Eles se embalam com as mãos entrelaçadas. Conversam sobre o dia, são íntimos. A voz diz. O tom. O volume. Vejo as sombras, nos dois lados da página. Esquerda, direita. As vozes. Baixinhos os risos, o pigarrear, Reginaldo corre, Renato finge que lê. Filipe repousa, daqui sua calva brilha. Reginaldo macaqueia e a moça alta acaricia o pano do piano. Eles continuam de frente um para o outro, só eles. Ninguém existe aqui, apenas eles. Suas vozes vão sumindo ao fundo da sala, palmas, os sons do mar. Palmas. Não duvido de nada. O mar violento. Risadas. Reginaldo finge que lê. Bene mata formiga no chão. O mar à minha frente. Mão no queixo. Braços cruzados, mão na cintura. Mata formiga. Reginaldo. Sol. Samantha.

Reginaldo. Eu tenho um amigo que se chama Filipe.

Daqui a imagem projetada na cortina fica linda, mas não tão linda quanto a imagem das silhuetas das pessoas. Pessoas que escolheram estar aqui agora, rindo, lendo, escrevendo e experimentando movimentos frustrados de infância. Silhuetas, como sombras que flutuam no mar. Silhuetas são unissex. O barulho das palavras, das palmas, os assobios e as batidas dos pés também. Silhuetas, sons tribais, humanos sendo humanos. Pessoas dançando no espaço, em pé ou deitadas, em diversos ritmos. São lindas.

A turma está pelo espaço, salão nobre da biblioteca. Alguns se deitam, levantam as pernas. Renato, por exemplo, está com o bumbum para cima. Reginaldo num jogo lúdico de palminhas com Jaqueline. Douglas, pelo chão, pernas para o ar, diz proezas. O som nos prende com os ruídos de água batendo em pedras em vai e vem. Logo depois, as luzes piscam e uma musiquinha gostosa, uma marchinha, toca e alguns, Rosângela, por exemplo, saem a dançar. Todos estão mais ou menos localizados ao fundo da sala, perto do som e do piano. Reginaldo está agora deitado, quieto, silencioso. Os casos rolam. Kelly fala sobre um tal maracujá de gaveta. Filipe fala sobre a pesquisa de mestrado, que tem o mesmo nome da oficina. Uma aranha gigante de nome Renato vem até mim. Acho que quer me dizer já é hora de se mandar. Ai, que linda música ecoa agora, mas tenho que ceder meu tempo.

Jaqueline começa a ler. Todos estão seguindo a sinfonia de uma música. Filipe dançando na escuridão. Enquanto Jaqueline lê, falam de mim. Enquanto isso, Douglas faz suas artes cênicas. Na sala riem tanto que Jaqueline se perde, talvez. Escuto meu nome novamente, alguém não sabe andar de bicicleta. Kelly com suas gírias portuguesas se comunica com Filipe, um português. Renato parece morrer, mas apenas dança. Santa é a que escuta o som do mar enquanto Vânia dança um tango soturno e solitário. Mandy se esconde atrás das cortinas e Kelly observa Renato a levantar a cortina, na frente do projetor, à procura de um deus girafa animal gato. Sol mais uma vez me rodeia. Deserto, minha casa, vaquinha, Kelly conta suas histórias e para. O som de pássaros começa a soar, o barulho dos pés de Vânia. Renato está no descobrimento, alguns tiram foto para comprovar. Renato abre o português ao meio, logo após mostrar a cara, nas pernas do sujeito começa a dançar. O espelho aparece e escrevo.

Mas os momentos felizes não estão escondidos, nem no passado, nem no futuro. No momento em que pego a caneta sinto-a pesada, acho que não é uma caneta macia. Ou estou leve demais quando decido escrever, pois estava a dançar. Kelly fecha as cortinas com Douglas, Rô faz um gesto como quem digita, deitada de barriga colada ao chão. Neste momento, Renato, Amanda e Filipe leem os outros escritos. Ouço o som de algo que parece ser propaganda, lençóis etc. Mita está na cortina, sob a luz fazendo mímicas. Renato inicia uma música, Evidências, e todos cantam juntos. Todos riem e se divertem com a energia. Sol e Rô estão sentadas. Uma música inicia, agitada, e contagia a todos que dançam pelo salão. E neste momento a caneta já está mais macia ou fui eu que me acostumei a ela, talvez. A canoa furada já tá prestes a afundar parece ser o refrão da canção que ouvimos neste momento. Mita toca algumas teclas do Piano, a música que estávamos a dançar, e Renato começa a ler uma folha de papel. Alguns deitados no chão. Filipe faz algo como uma coreografia à luz e Reginaldo imitações. Bene vai ao banheiro e volta, tenta encontrar o lugar certo, a abertura da cortina, chama minha atenção e olho para trás.











